

PRÓLOGO



O destino de Sparrow Wolfe estava nas mãos de cinco homens. Os cinco reis de Calandra.

Estavam de pé, em torno de uma mesa oval, dedicando a sua atenção ao tratado estendido sobre a superfície de madeira estriada. A tinta no pergaminho ainda estava húmida. O clérigo que redigira o documento apressou-se a reunir os seus pertences, depois escapuliu-se da sala, agora que dera a tarefa por terminada.

A cave subterrânea estava oculta nas sombras. Os cheiros de rocha húmida e fumo acre preenchiam o ar. Um dos lampiões já se apagava, o óleo que continha no reservatório chegava ao fim depois de horas e horas de negociações.

Sparrow mantinha-se encostada à parede, uma observadora silenciosa da discussão. Havia um fogo a crepitar na lareira, mas esse calor não conseguia afastar o frio que se infiltrara nos seus ossos. Cerrou os dentes para os impedir de bater.

Um torpor começava a apoderar-se do seu corpo, avançando pelos dedos das mãos e dos pés. Com a sorte da deusa Daria, essa dormência em breve entorpeceria a dor no seu coração.

Nenhum dos cinco reis lhe prestava atenção, nem o seu pai. Estavam demasiado ocupados a discutir com quem ela deveria casar-se.

O Sumo Sacerdote Voster pairava atrás dos homens. Os seus pés descalços não tinham tocado no chão desde que ele flutuara para o interior da cave. A luz fraca sugava todos os vestígios de cor da sua pálida pele branca.

Os seus olhos, aqueles lagos sólidos e escuros, estavam fixos no tratado. No momento em que os reis chegassem a um acordo, ele selaria os votos com sangue.

O sacerdote tinha as mãos juntas à frente, e as grossas unhas verde-escuras que se projetavam dos seus dedos eram tão compridas que encaracolavam para dentro das suas vestes, de um tecido cor de vinho tão escuro como a nuvem de tempestade sobre o seu coração.

Os reis estavam vestidos com tecidos de cores ousadas, vermelhos e verdes e azuis e azuis-esverdeados, cada qual era uma orgulhosa representação do respetivo reino, da cor heráldica e do brasão bordado no vestuário.

Sparrow estava vestida de cinzento, um tom tão vazio como ela estava vazia de esperança.

Aquele tratado era uma necessidade. Tinha dito isso a si própria vezes sem conta. Acabaria com as guerras que tinham assolado o continente durante gerações. Uniria os cinco reinos de Calandra para sempre. Ou encontravam uma forma de viver juntos. Ou morriam a tentar.

A princesa lógica que o pai criara, a jovem política, sabia que isto era essencial para a sobrevivência. Mas a jovem com o sonho de encontrar o amor tinha começado a definhar no instante em que as estipulações do casamento tinham entrado na conversação.

Havia uma razão para Sparrow estar naquela cave, algo que ela só compreendera tarde demais. Não estava ali como herdeira do seu pai. Não estava ali para observar e aprender.

Ela serviria de moeda de troca em nome da paz.

Aqueles suseranos temiam que a troca de bens não fosse suficiente para manter os acordos. Que melhor forma de unir os reinos do que ligá-los pelo sangue? Por gerações futuras. Pelas crianças que ela um dia geraria. Crianças ligadas a dois reinos.

O silêncio caiu em torno da mesa, levantando os cabelos na nuca de Sparrow. Endireitou-se quando os reis anuíram a sua concordância.

— Temos acordo? — perguntou o Sumo Sacerdote, a voz tão sedosa como a penugem de uma castanha.

Todos os reis, incluindo o seu pai, murmuraram: «Sim.»

No momento em que o tratado estivesse assinado, esperava-se que todos os reis e os futuros herdeiros mantivessem as suas estipulações. Quebrar os votos significaria a morte.

Ia contra a sua natureza, como turana, prescindir do seu livre-arbítrio. O pai provavelmente sentiria o mesmo. Todavia, Turah não tinha escolha, a não ser participar. O seu reino era forte, mas não tão forte que pudesse fazer frente ao resto de Calandra. Especialmente quando estavam a tentar recuperar da migração dos crux.

O pai não podia travar aquele tratado, mas esse facto não tornava o seu destino mais fácil de aceitar.

Um por um, os reis retiraram a sua adaga ou faca da bainha. Abriram um golpe nas palmas, mergulharam as penas e escreveram o seu nome em sangue.

O seu pai foi o último a fazê-lo. Com a pena suspensa sobre o tratado, a ponta a reluzir em vermelho, dirigiu-lhe um longo olhar. A pena e o pedido de desculpas nos seus olhos cinzentos metálicos tornou a respiração difícil para ela. As explosões estelares verdes nas suas íris brilharam por um breve instante, antes de baixar o olhar para o pergaminho. O riscar áspero que veio com a assinatura foi rápido, como uma flecha no coração.

Sparrow baixou o queixo, para os reis não verem os seus olhos marejados.

Feito. Estava feito.

Calandra estava em ruínas por causa da migração dos crux. Os reinos iam agora proceder juntos à reconstrução. Fazer negócios. Viver em comunhão.

Reproduzir-se.

Nessa noite, Sparrow tinha-se tornado uma reprodutora, como a sua égua preferida, *Helena*.

Alguma vez voltaria a ver *Helena*? Alguma vez regressaria a Turah? Ou seria levada diretamente daquela cave miserável em Ozarth para uma cidade em Genesis, onde seria exibida como a nova rainha?

As pessoas em Genesis odiá-la-iam, como o seu rei, Tanis Oak, odiava o pai dela?

A ideia de passar o resto da vida presa a um homem que detestava a sua família, a sua gente, fazia o seu estômago afundar-se. Tanis vingaria nela a sua raiva? Fá-la-ia sofrer por uma rivalidade com muito mais anos do que ela tinha?

O tratado proibía-o de a matar, mas havia destinos piores do que a morte.

Tanis, pelo menos dez anos mais velho, era o único rei solteiro naquela sala. E ela era a única princesa de Calandra com idade para gerar filhos. Talvez depois de lhe der dado um filho homem ele se esquecesse dela. Se os deuses fossem misericordiosos, seria deixada em paz.

Sparrow cerrou os olhos com força, enquanto o medo e a mágoa ameaçavam produzir mais lágrimas. Sem dúvida que Tanis não veria com bons olhos uma mulher que se lamuriasse. E ela era uma turana.

Não ia chorar.

A culpa daquilo era dos deuses.

Filhos da mãe. Os Seis tinham amaldiçoado Calandra com os seus monstros. Com os crux. Ela sobrevivera a esta última migração apenas para trocar um peso-delo por outro. Os deuses podiam ir apodrecer nas suas sombras. E os Voster também, com os seus votos e a magia que usavam para manipular os homens.

De dentes cerrados com força suficiente para os rachar, endireitou as costas e levantou o queixo.

Esperava-a o olhar do Sumo Sacerdote.

Ela detestava-o mais do que a qualquer outra pessoa naquela sala. Ele ia encurralá-la naquele tratado sem qualquer remorso. Ela conseguia sentir na língua o sabor do seu ódio pela magia dos Voster, como o travo acobreado do sangue.

Inclinando ao de leve a cabeça, ele convocou-a para a mesa.

— O teu nome?

— Sparrow Wolfe. — A sua voz era firme e calma, sem trair o coração acelerado.

Ele fitou-a por um longo momento.

— Este tratado ficará conhecido como Escudo das Sparrows.

Outra princesa poderia apreciar ter um tratado com um nome que a honrava.

Sparrow engoliu um grito.

— Tu, Sparrow Wolfe, princesa de Turah, juras manter o Escudo das Sparrows, através da tua união com Tanis Oak, rei de Genesis? — perguntou o Sumo Sacerdote.

Todos os reis na divisão pareceram sustentar a respiração, à espera da sua resposta.

As lágrimas encheram os olhos do pai quando ela anuiu.

— Eu, Sparrow Wolfe, faço essa jura — sussurrou.

Sem cruzar o olhar com o dela, o pai passou-lhe a sua faca.

Ela cortou a palma, recusando-se a encolher-se quando a lâmina lhe cortou a carne. Assinar o seu nome em sangue foi feito com um movimento rápido do pulso.

Depois o nome de Tanis estava ao lado do seu, a sua própria jura dita em voz alta. Tinha uma voz suave e profunda. Fria e sem emoção. Um arrepio percorreu a espinha de Sparrow.

O Sumo Sacerdote pousou ambas as mãos sobre o tratado e fechou os olhos.

Não houve nenhuma sensação. Nenhum vestígio visível da sua magia fluida. Mas, quando ele abriu os olhos e levantou as mãos, ela não teve dúvidas de que agora estava presa àquele tratado.

O Escudo das Sparrows.

— Está feito. — A declaração do Sumo Sacerdote roubou-lhe o ar dos pulmões.

Tanis saiu da cave.

Os outros reis saíram atrás dele, subindo as escadas que os levariam para fora daquela câmara secreta sob a capital de Ozarth.

O Sumo Sacerdote pousou ambas as mãos sobre o coração e dirigiu-lhe uma pequena vénia.

Ela mordeu a língua para ficar calada.

Depois, ele enrolou o tratado num cilindro perfeito. A tinta, o seu sangue, mal secara quando ele partiu.

O pai desmoronou assim que ficaram sozinhos. Um sopro projetou-se dos seus pulmões, enquanto os ombros se curvavam para dentro, a sua constituição alta e larga a encolher perante os seus olhos.

Isso quebrou o espírito de Sparrow.

Nada daquilo aconteceria se os crux não existissem. Se não houvesse mais migrações.

— Porque é que os Seis nos amaldiçoaram com estes monstros? Porque é que nos odeiam?

— Porque são deuses mesquinhos — disse ele. — Porque só os humanos têm o poder de tornar os deuses insignificantes.

Sparrow fitou o pai, observando o seu perfil forte.

— Nunca mais voltarei a venerá-los. E nunca vou confiar nos Voster.

— Nem eu. — Ele ofereceu-lhe um sorriso triste e abriu os braços.

— Lamento, minha filha.

Ela deixou-se cair contra o seu peito, no abraço forte que a amparara desde bebé.

— O que é que eu faço?

Ele beijou-lhe o cabelo.

— Sê ousada, minha Sparrow. Sê corajosa.